

Recordações do futuro¹

² Madalena Victorino

É enquanto docente da Oficina de Corpo do Curso de Mestrado em Educação Artística, função que desempenhei entre 2010 e 2018, que escrevo estas memórias e as projeto no futuro.

Aqui deixo, assim, algumas recordações do futuro:

Em primeiro lugar, verificou-se, no contexto desta oficina, uma experiência e uma prática intensas de aproximação ao corpo e à sua utilização, como instrumento essencial para a criação de uma linguagem artística com utilidade pedagógica. Esta linguagem cinética, corporal e expressiva foi trabalhada, e em sintonia com a bagagem pedagógica dos alunos, começou a projetar algo de novo na sala de aula interior de cada um.

O meu método baseia-se na crença de que, ao pôr-se em contacto com as leis do movimento humano – Corpo, Espaço, Tempo e Energia – extravasando a comunicação estritamente verbal e entrando no domínio do não verbal e da corporeidade, alunos e professores podem descobrir em si novas capacidades. Para acionar o mecanismo desta experiência em que o corpo aprende a controlar as suas ferramentas expressivas, de comunicação e de interpelação, há que ter presentes as leis do movimento corporal. O respeito pelo corpo individual é a chave para a descoberta de uma potencial carga humana e pedagógica em todos os alunos.

É neste sentido que a dança contemporânea, tal como tem vindo a ser pensada e praticada nos séculos XX e XXI nas sociedades ocidentais, serve de alavanca à aprendizagem dos códigos de comunicação do corpo, ao desenvolvimento do seu controlo cinético e expressivo e à exploração da carga afetiva, política e artística que o corpo pode assumir. Uma das perguntas de abertura destas oficinas desafiava a refletir sobre que instrumentos do universo da dança contemporânea poderiam interessar e ser válidos na resolução de uma equação matemática, na interpretação de um texto

¹ “Recordações do Futuro” é a tradução do título de uma obra da escritora islandesa Siri Husbet, que utiliza memórias autobiográficas como projecção de um futuro ficcionado, cf. Hustvedt (2020).

² Estudou dança, composição coreográfica e pedagogia das artes no Reino Unido. É coreógrafa. Lecciona no ensino superior. Desenvolve, em Portugal, Austrália e Itália, projectos de arte participativa, de dança e educação, de arte e sociedade. Interessa-se pela vivência artística de cada e todas as pessoas.

de língua portuguesa, no ensino da história, do estudo do meio, da cidadania, etc. Como extrair de um domínio puramente artístico, aspectos que poderão ser absorvidos e integrados no campo curricular escolar, tornando o ensino e a aprendizagem numa travessia em que o corpo pensa, se sensibiliza e age para além das suas fronteiras?

O que aconteceu de extraordinário em todas as edições e sessões destas oficinas foi que, após o choque inicial dos professores mais céticos acerca da sua fisicalidade e identidade expressiva, acabou por haver uma recetividade unânime à premissa que lhes foi proposta. As oficinas eram eminentemente práticas, cheias de música e estímulos, com momentos de explanação, de análise de movimento, de visionamento de obras coreográficas múltiplas e de reflexões sobre a sua tradução para as matérias de ensino. Todos os participantes mergulharam na experiência de descobrir as potencialidades do seu corpo, de inventar com ele, de compor matéria criativa corporal e traduzi-la para as disciplinas que ensinavam, com um fulgor que me escapou sempre à compreensão. Emocionámo-nos muitas vezes. Estávamos magnetizados pela experiência de transfigurar o corpo rígido do professor numa outra figuração. Queríamos, no tempo que nos era dado, resolver o problema inicialmente colocado: o que levar da dança para o futuro do trabalho de comunicação de um professor? Todos os grupos que tive o privilégio de conhecer, neste contexto, ofereceram sempre e sem exceção o seu corpo à aprendizagem de competências corporais, à produção de uma linguagem única e própria de cada um, em que o suor e o cansaço foram fonte e prova de uma grande felicidade vivida em conjunto. Quero acreditar que estas oficinas serviram de pano de fundo para muitas experiências ulteriores. Ao repensar o que elas foram e representaram para mim e para os alunos que as acompanharam, sinto chegar de novo ao meu corpo a memória da alegria com que aqueles professores entravam na sala, depois de uma semana intensa de trabalho, de horários prolongados, de viagens longas, para virem ao meu encontro. Traziam uma curiosidade, uma vontade, um desejo de experimentar, invulgares. Soube, desde logo, que o que queriam era construir, comigo, recordações para levar para o futuro. Ofereceram-me dos momentos mais elevados de docência da minha vida e, por isso, aqui deixo o meu agradecimento a todos eles.

Referências

Hustvedt, S. (2020). *Memories of the Future*. New York: Hodder and Stoughton.